

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 130 1 DE AGOSTO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs			LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Posseções ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-5-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-6-		

SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GENVASIO LOBATO — Obras Publicas em Cabo Verde, Ponte «Príncipe D. Carlos», B. — As nossas gravuras — Recordações do Aveiro, MONTEIRO RAMALHO — Estabelecimento das aguas de Vidago, FRANCISCO JUSTINO MARQUES NOGUEIRA — O abandono, MONTEIRO RAMALHO — Ephemerides artistico-litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

GRAVURAS — Africa Portuguesa, Cabo Verde, Ponte «Príncipe D. Carlos» — Novo mercado de Belem, Vista exterior do lado do Tejo, vista interior — Conselheiro José Lourenço da Luz — Aveiro, Rocio e rua do Caes na ria — Estabelecimento das aguas de Vidago — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando se sae de Lisboa, quando se deixam os cayacos da Havaneza, as preocupações do Gremio, quando a gente se affasta do Chiado e das galerias da camara, é que se avalia bem o que vale a politica portugueza e o que tem a esperar, n'um futuro proximo da grande massa de povo portuguez sob o ponto de vista de formas governativas.

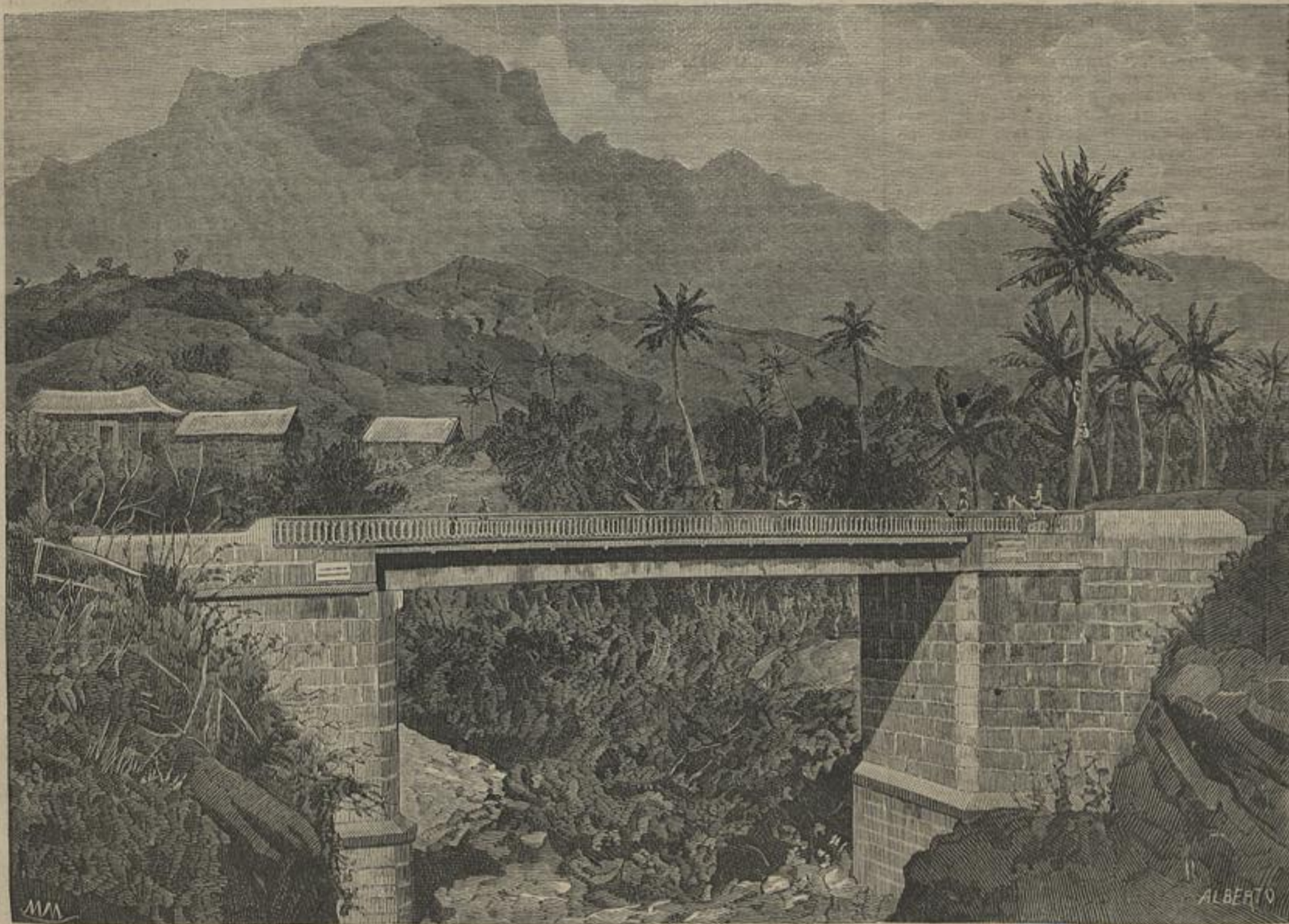
A locomotiva sylvia, o comboio vôa, com os vôos de galinha de pateo dos comboios portuguezes, e adeus politica, adeus discussões ardenes, adeus luctas encarnicadas de regeneradores contra progressistas, de republicanos contra conservadores.

O paiz importa-se bem com isso, coitado, entregue ao seu trabalho quotidiano, desde que o

sol apparece até que a noite vem, no amanho rude dos seus campos, no labutar constante da colheita do pão com o suor do rosto, essa sauce desgostosa cosinhada pelo primeiro homem, segundo a tradiçáo biblica, e para cima do Poço do Bispo, vão lá fallar ao povo no sr. Fontes, no sr. Magalhães Lima, no sr. Marianno de Carvalho ou no sr. Hintze Ribeiro!

Em Lisboa ha a indifferença politica, no resto do reino a completa ignorancia d'essa coisa: em quanto no parlamento se fazem os mais renhidos combates da rhetorica, em quanto a cidade espera anciosa nas galerias de S. Bento o resultado d'uma votação, o paiz ceifa tranquilamente o seu trigo, lava os seus campos, amanha as suas arvores, importa-se tanto que o sr. Fontes caia e o sr. Braancamp suba, como nós nos importamos com a figadeira que deu nas gallinhas do Manuel da Azenha, ou com o mal

AFRICA PORTUGUEZA



CABO VERDE — PONTE «PRINCIPE D. CARLOS» (Segundo uma photographia)



que deu no russo do Gregorio dos Choupous. E entretanto todo o paiz collabora na faina politica, essa massa enorme de homens foi quem deu a força constitucional ao governo que lhe tira a pelle, este ou outro, porque n'isto todos se parecem, esses homens esfaqueiam-se uns aos outros nas encruilhadas, e ao paiz na urna quando se trata de eleições são elles que quebram cabeças, pelo partido regenerador contra o partido progressista, e vice versa, e nem sequer sabem o que vem a ser um progressista ou um regenerador, um deputado ou um ministro, santa e doce ignorancia! — e lá vão todos augmentados, pelo rendeiro, pelo parochio, pelo fidalgo ou pelo patrão levar, á urna uma lista que lhe dão, como vão levar um casal de coelhos ao amigo do patrão, trabalhando com toda a efficaçia para o completo e irremediavel descredito, d'essa cousa que é sublime ou monstruosa, segundo o meio intellectual, que se chama suffragio universal, e que tem dado esses formosos resultados que se podem admirar na politica portugueza d'estes ultimos tempos.

E no fim de tudo, isto comprehende-se, e o que nos custa a acreditar é que ainda por essas provincias haja grupos de sujeitos, que respirando esse ar magnifico que varre as grandes serranias sem fim, e que não tem os miasmas doentios das febres do caneiro d'Alcantara e dos saguões da baixa, que vivendo n'esses campos enormes e amplos onde o arvoredado canta os seus gigantes poemas de verdura, bebendo uma agua sábia, que não passa pelos canos da companhia, e esse ar vivificante, que não atravessa os corredores de S. Bento, tenham a triste coragem de parodiar Lisboa com as suas luctas mesquinhas de egoismos interesseiros mascarados de opiniões politicas, e de passar a vida a discutir governos e opposições em vez de deixarem correr a vida, deitados á sombra dos carvalhos frondosos, na immobilidade beatifica e intelligente do indio do deserto, n'um grande pantheismo saudavel que vale mais que a collecção completa do Diario das Camaras.

E eu hoje admiro tanto mais a coragem d'esses homens, quanto necessito d'um violentissimo esforço de vontade para, sentado na larga varanda do Grande Hotel do Bom Jesus do Monte, tendo defronte de mim esse enorme panorama de extensas planicies cobertas de verdura, em que se avistam aqui e ali as alvuras caídas das pequeninas povoações das freguezias leliputianas e aciadadas, e em que as arvores alinhadas em rectangulos caprichosos que delimitam as propriedades particulares, tem o aspecto longiuquo de um colossal exercito obedecendo aos movimentos complexos d'uma extravagante tactica militar, necessito d'um violentissimo esforço de coragem, diria eu, para defronte d'esse extraordinario cosmorama recortado ao fundo, n'um horizonte limpido, por uma cadeia de montanhas caprichosas que nas suas desencontradas ondulações parecem um phantastico mar gigante, pegar na penna, e estar por momentos sequer a pennar na politica portugueza, de que felizmente me tinha esquecido de todo ao chegar ao Poço do Bispo.

A capital enxota-nos com o seu calor, e a sua poeira, e eu tratarei de fazer hoje da minha chronica um pequeno guia do viajante economico, em modesta digressão pelo Minho.

Pois muito bem. Começemos. Dêmos um salto das ruas de Lisboa ás alamedas do Bom Jesus, e n'este salto livro-os de todos os solavancos do caminho de ferro desde Lisboa até Braga, do susto de passar o tunnel da serra do Pilar, que todas as manhãs se annuncia a cahir e todas as tardes se declara segurissimo, poupo-os á agua salobra das hospedarias do Porto, ás procissões bracarense e transporto-os logo n'um momento a um dos sitios mais pittorescos de Portugal.

Não se imagina facilmente o que é hoje o Bom Jesus.

Ha seis annos que o não viamos e agora quasi que já o não conheciamos.

A arte e a industria transformou este delicioso canto do Norte, n'um pequenino paraizo, a que não falta um cosinheiro de primeira ordem, digam lá o que quizerem, coisa indispensavel n'um paraizo que se preza. Não tenho aqui á mão adjectivos bastantes para apprehender a descripção do Bom Jesus do Monte, da matta esplendida, da payzagem excepcional, do parque formosissimo com o seu pequeno lago em que passeiam botes, um lago que Deus se esquecera de ali pôr, esquecimento que foi remediado intelligentemente pelo sr. Brandão, um engenheiro de muito bom gosto, que se encarregou de dar a ultima demão n'este cantinho previligiado de Portugal.

Fazem-me uma falta de todos os demonios esses adjectivos: mas que querem? quem viaja

não póde trazer consigo grandes bagagens e isto de estylo dá muito incommodo a transportar em caminho de ferro.

O sr. engenheiro Brandão deu á matta do Bom Jesus todos os requintes do pittoresco, o sr. Gomes deu-lhe todo o encanto do confortavel.

O sr. Brandão tem o seu retrato a crayon n'uma das capellas do Bom Jesus, ao lado da enorme collecção de camapheus que teem sido protectores d'aquelle sanctuario, uma collecção de retratos a oleo que qualificam o darwinismo; o sr. Gomes não tem o seu retrato em capella alguma, e portanto vamos aqui esboçal-o.

Um homem de trinta para quarenta annos, magro, d'olhos vivos, intelligentes com sympathia, cabello castanho que já começa a despovoar o craneo, dando-lhe assim uma espaçosa frente, modos amaveis, alegres e delicadeza d'um cavalleiro *accompli*, a actividade d'um industrial infatigavel, a coragem d'um emprehendedor raro n'esta terra em que todos vivem no *dolce far niente*, que Camillo Castello Branco caracterisou por esta phrase «a deixar correr o marfim» e aqui tem o homem a quem Braga chama com muita justiça o seu Burnay, mas de quem Portugal não tem pelo menos, por enquanto, de que receber um syndicato de qualquer Salamanca.

O sr. Gomes que possui em Braga a primeira padaria das provincias do norte, é o proprietario do elevador do Bom Jesus, a obra mais extraordinaria que se tem feito no paiz n'estes ultimos tempos e que o OCCIDENTE já descreveu minuciosamente em gravura e em artigo, e o proprietario do grande Hotel do Bom Jesus, um hotel montado com toda a elegancia e commodidade dos melhores hotéis estrangeiros, com um serviço primoroso a começar pela cosinha que só se acha igual em Lisboa nos hotéis Central ou Braganza, e a terminar pelo panorama que serve aos seus hospedes e que não se encontra em mais nenhum hotel de Portugal.

É esta a grande superioridade do Bom Jesus sobre Cintra.

Em Cintra, muito mais pittoresca decerto, para se gosarem os bellos panoramas largos, e as frescas sombras das mattas, é necessario andar muito, fazer enormes ascensões: no Bom Jesus nada d'isto: os panoramas, as paysagens, a sombra, o lago, e o jantar está tudo ali á mão de semear e não se dá um passo sem se estar no meio d'um encantamento profundo, dos olhos, do espirito, e do estomago.

No Hotel do Bom Jesus ha alem d'isso actualmente pelo menos uma convivencia soberba: os hospedes dão-se todos como uma familia unida e delicadissima: os dias passam a voar em alegres cavacos, o padre Patricio, o grande orador sagrado portuense, está aqui a desferrar-se dos mezes sem fim passados em S. Bento, na estafada discussão do syndicato, e desforra-se com uma alegria communicativa, dando-nos uma excellente conversação de dia, e á noite um bello caldo verde.

O sr. visconde do Porto Formoso outro deputado que teve o bom senso e bom gosto de deixar Salamanca pelo Bom Jesus, um cavalheiro illustradissimo e de uma delicadesa enexcedivel.

O sr. Ricardo Guimarães, um bello rapaz, do Porto, bom conversador, e bom companheiro, as familias d'estes dois cavalheiros, uns alegres estudantes do Porto e de Coimbra, e outras familias de bello trato e de sympathica convivencia e á frente de todas ellas, o dono do Hotel, o Gomes, com a sua fina amabilidade, fazem esquecer de que se está n'um Hotel, e fazem lamentar toda a gente que ignora este paraizo e que anda a asphexiar-se pelos arrebaldes de Lisboa, ou a envenenar-se pelas locandas de provincia.

No dia 2 de agosto espera-se aqui um espectáculo inteiramente novo para mim, uma peregrinação á Senhora do Sameiro, o ultimo figurino religioso de Braga, peregrinação composta de 54 freguezias em peso, todo o concelho de Villa Verde, que vaé levar as suas esmolas aquella Senhora, — que foi o diabo que appareceu ao Bom Jesus do Monte na phrase engraçada de Fernando Castiço, — em esmolas que chegam a mais de um conto de réis.

A Senhora do Sameiro é uma bella imagem que veio ha annos de Roma, e está mettida n'uma pequena capellinha no alto de uma serra que fica a tres quartos de hora de caminho do Bom Jesus, e d'onde se disfructa um panorama enorme e formosissimo, chegando mesmo a ver-se de lá em dias limpidos a cidade do Porto, com as suas levantadas torres da Lapa e dos Clerigos.

Essa pequenina capella vaé ser transformada em breve n'um amplo templo, porque a Senhora do Sameiro tem já o seu bolsinho bem rechiado pelo

fanatismo bracarense, templo cujas obras estão orçadas em 300 contos de réis.

Espero assistir a essa peregrinação em que figuram mais de seis mil pessoas, e dar-lhes-hei d'ella conta.

— Hontem á noite tive aqui no Hotel do Bom Jesus um bello encontro e uma bella surpresa, o encontro de Guerra Junqueiro, que eu procurava em Vianna, quando elle estava nas Caldas de Vizella, e que depois de o ter visto pela ultima vez em Lisboa, ha tres annos, n'um estado deploravel de anemia, achei-o agora aqui, excellente, robusto e alegre, como se nunca tivesse estado doente.

Guerra Junqueiro passou aqui apenas doze horas com sua esposa, no caminho de Vizella para sua casa de Vianna.

N'esses rapidos momentos conversamos por um luar esplendido, no adro do Bom Jesus, recordámos o querido Guilherme d'Azevedo, de quem Guerra Junqueiro quer publicar as obras completas, colligindo em volume os esplendidos folhetins, as brilhantes chronicas, que Guilherme deixou espalhados pelos jornaes de Portugal e Brazil.

É uma santa homenagem á memoria querida do grande escriptor, e um bom serviço ás lettras patrias que terão n'esses volumes, as notas mais scintillantes do humorismo portuguez contemporaneo.

Ali ao pé d'essa egreja que está a fazer o seu centenario, em um luar branco e quente a illuminar a immensa paizagem, e os sapos assobiam nos vallados, Guerra Junqueiro recitou-me umas estrophes colossaes do seu poema *Jehovah*, em que elle trabalha e que ha de ser o grande monumento litterario de Portugal no seculo XIX, umas estrophes magnificas de indignação, outras magistosas de troça; e disse-me tambem umas adoraveis poesias lyricas, feitas em Vizella, uma carta a sua filha mais velha, e um soberbo trecho, a *Floresta*, que é a descripção mais poderosa, mais brilhante, mais movimentada que conhecemos na poesia moderna. Estas poesias lyricas vão ser publicadas n'um pequeno volume que terá por titulo *Cantos d'Abri!*

No momento de terminar esta chronica cheguei-me ao Bom Jesus n'um jornal do Porto uma triste noticia que me pungi profundamente: a noticia da morte do filho de Caetano Alberto, do proprietario do OCCIDENTE, uma encantadora, intelligente e suave creança, que teve um longo martyrio na sua curta vida, um martyrio tão doloroso que a pobre creança pedia já a morte, como termo ao seu soffrimento.

Não ha dor maior que vêr padecer uma creança, não ha angustia superior á do pae que vê sumir-se no tumulo o filho que era a sua alegria, o seu enlevo, os seus cuidados, exactamente no momento em que a creança ia começar a ser homem, em que a obra do pae começava a estar completa.

Esta noticia chegou-nos porém transtornada. O *Primeiro de Janeiro* noticiava mas era a morte do distincto gravador Caetano Alberto. Atterrados, telegraphamos logo a um amigo para Lisboa a saber o que havia de verdadeiro na noticia. De lá mandaram-nos então dizer, que quem morreu fôra o filho de Caetano Alberto, aquelle que deixamos já perdido sem esperanças quando d'ali sahiramos.

Pobre Caetano Alberto! Não morreu, porém morreu-lhe uma parte da sua alma!

Gervasio Lobato.

OBRAS PUBLICAS EM CABO VERDE

PONTE «PRINCIPE D. CARLOS»

No supplemento ao n.º 44 do Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Cabo Verde lê-se a seguinte portaria:

GOVERNO GERAL DA PROVINCIA. — N.º 318. — Estando concluidos os trabalhos da ponte metallica assente na ribeira dos Orgãos e da de alvenaria construida no sitio do Covão-Secco, na freguezia de S. Lourenço d'esta ilha de S. Thiago; hei por conveniente determinar que no dia 31 do corrente mez, pelas 5 horas da tarde, se effectue a benção e a inauguração d'aquellas pontes, e que desde que esta cerimonia se tenha realisado, as mesmas pontes fiquem abertas ao transitio publico.

As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento e execução da presente competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Governo Geral da Provincia, na cidade da Praia, 28 de outubro de 1880 — Antonio do Nascimento Pereira Sampaio, governador geral.

Representa a nossa gravura a ponte metálica a que esta portaria se refere, e para que se possa avaliar a importância d'esta elegante obra d'arte, bem como a da ponte de alvenaria igualmente inaugurada n'essa occasião, aqui transcrevemos alguns períodos do excellente discurso que o digno director das obras publicas da provincia, o capitão Claudino Augusto Carneiro de Sousa e Faro, que projectou estas duas pontes e teve a satisfação de as ver inauguradas, dirigio ao ex.^m governador geral.

«A estrada que deve ligar o porto da Praia aos centros naturaes de maior producção, está incompleta, e interrompida precisamente nos pontos onde a construcção apresenta as maiores difficuldades, exigindo custosas obras de arte. Aos obstaculos naturaes, provenientes da extravagante orographia da ilha, abrangendo alterosas montanhas, serras alcantiladas e picos altissimos, que se precipitam em valles extensos, largos, profundos e mais ou menos sinuosos, juntava-se a falta de estudos prévios nos poucos trabalhos de viação que se encontram, emprehendidos e executados com precipitação, como o meio quasi unico de conjurar as crises alimenticias que tem assaltado a provincia.

«Compreende-se facilmente que n'estes trabalhos, determinados pelas necessidades da occasião, mal se podia attender á escolha do traçado mais vantajoso e economico. Obedecia-se apenas á conveniencia de ligar entre si os povoados com manifesto prejuizo de mais larga circulação agricola, que deriva o excesso das colheitas para os grandes mercados de consumo permanente.

«Considerava-se como um acto de simples protecção administrativa, concedida ao povo em luta com a miseria e a fome, o beneficio dos trabalhos que se mandavam abrir, e no proposito de construir sem estudar, parecia um acto de má caridade a deslocação diaria dos soccorridos, que, debilitados pela miseria, extenuados pela fome, só estendiam as mãos supplices quando se lhes facilitava trabalho proximo de suas habitações.

«Construir estradas, precedendo-as de estudos, foi uma innovação que causou alguma estranheza e atrahiu acerba critica. Transigir com a ignorancia seria desmerecer da opinião sensata que applaude, e desobedecer ás mais terminantes disposições da lei.

«Os homens que consagram a vida ao trabalho util e honesto sabem o que vale o esforço da intelligencia, os labores quotidianos, e as longas vigílias consagradas á unica ambição de cumprir as obrigações officiaes, e não desconhecem quanto custa no meio d'estas afanosas lides, inspirados unicamente pelo sentimento do dever, em luta com as maiores difficuldades, ver que lhes querem desconsiderar o esforço, sacrificando a consciencia aos desmandos da paixão.

«A Providencia, encarrega-se, felizmente, de lhes compensar estes amargores não só com os applausos da Opinião, que a todos julga com a mais severa e rigorosa imparcialidade, mas tambem com o testemunho da consciencia, d'esse tribunal austero e incorruptivel, que rompe, muitas vezes, com as imposições d'uma falsa modestia para affirmar um orgulho santo e desculpavel—o orgulho do trabalho.

«Uma das maiores interrupções d'esta estrada determinou a construcção das obras de arte que hoje vimos inaugurar. No sitio denominado «Covão Lopes», estava a estrada interrompida, precipitando-se a linha do transitio publico para o leito da grande ribeira dos Orgãos. Percorria-se esta ribeira n'uma grande extensão por entre grossas penedias que as aguas pluvias, desprendendo das fraldas escarpadas d'essa immensa serra que nos fica sobranceira, precipitam, deslocam e movem, arrastando-as na impetuosa corrente, e formando aqui e acolá caprichosos deltas. Mais ao longe trepando pelas anfractuosidades da rocha, ia-se ganhar um tracto de terreno menos accidentado, onde está construida uma pequena secção de estrada, interrompida tambem por uma linha de agua importante.

Continúa.

B.

JOSÉ LOURENÇO DA LUZ

O modo como os grandes obreiros da civilização terminam a sua carreira na terra, influe poderosamente para que á sua memoria seja tributada, pelas gerações novas que se vão succedendo, aquelle preito e homenagem que a antiguidade tinha como religião, que os moder-

nos vão resuscitando de uma maneira imperfeita.

O homem, ou se extingue quando, ao desabrochar do seu talento e ao encetar a actividade scientifica, litteraria ou artistica, deixava prevêr que estadio luminoso percorreria no desenvolver das suas faculdades; ou quando, em toda a pujança da sua intelligencia e da sua actividade, o seu nome é já uma gloria, e deixa como que um vazio na vida nacional; ou quando, depois de se ter elevado ás mais altas regiões do saber e da productividade intellectual e social, a doença, a consumpção de forças, o tem afastado largo tempo do campo onde luctava, soldado valente, perseverante e glorioso, cahindo quando uma ou duas gerações mal tem ouvido pronunciar o seu nome.

A mocidade um pouco descuidosa, mais depressa conhecerá os nomes medianos da Grecia, de Roma, e até da França, do que os primeiros do seu paiz; mais depressa conhecerá um periodo afastado da historia geral, e até os raros documentos de uma epocha prehistorica ou fabulosa, do que o periodo mais recente da vida do seu paiz, do que os documentos vivos que estão a bradar, como em pregão solemne a glorificação do trabalho, da perseverança, da infatigabilidade.

Porisso quando voa da terra algum dos espiritos pertencentes aos dois primeiros grupos ella acompanha a nação na sua dôr, quando cae um varão do ultimo grupo, pouca impressão lhe causa, embora elle tenha sido dos da primeira plana no seu paiz e no seu tempo.

Suscitaram-nos estas reflexões o passamento de um homem, cujo nome desde creança ouviamos citar como eminente, e cujo retrahimento um tanto precoce, fizera com que a sua existencia fosse quasi ignorada da maior parte das novas gerações.

José Lourenço da Luz, é um exemplo energico do que pôde a vontade, auxiliada de grande talento e de prodigiosa actividade. Nascido de paes modestos mas honrados, consegue vir a occupar o logar mais eminente no estabelecimento onde exercera o mais humilde; entrando no mundo pobre e ficando orphão muito novo, eleva-se e ao cabo de annos consegue nome glorioso e importante na sciencia, e fortuna abastada, occupando logares da mais alta consideração social.

Nascera a 8 de setembro de 1800, e aos dezoito annos ficou orphão de pae e mãe, occupando o modesto logar de porteiro das aulas da escola medico-cirurgica de Lisboa e com o encargo de uma familia. Praticando no hospital e nas aulas consegue o curso scientifico e é nomeado cirurgião do banco do hospital de S. José. A avidéz de saber e a consciencia intima do seu valor incitam-o a estudar e a desenvolver os seus conhecimentos.

(Continúa)

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRAÇA DO MERCADO DE BELEM

Belem, o historico logar, d'onde partiam os nossos navegadores e onde o infante D. Henrique levantou uma capella para acudir ás necessidades espirituaes dos mareantes, a qual D. Manuel converteu no sumptuoso mosteiro, hoje ainda por concluir, Belem é uma continuação, um bonito arrabalde de Lisboa.

O terremoto de 1755, determinando a côrte a ir residir para Belem, fez converter aquelle logar n'uma terra de boas casas e palacios, que desde Alcantara se levantam até o Bom Successo. Com o evento do governo liberal e estabelecimento da côrte em Lisboa, no palacio das Necessidades, ficou muito abandonada Belem, e muito abatida. Depois que el-rei o sr. D. Luiz estabeleceu de novo a sua côrte no palacio d'Ajuda, tem progredido sensivelmente.

Com quanto todos os estrangeiros julguem, e com certa plausibilidade, que é tudo cidade desde o forte do Bom Successo, é certo porém que por um d'estes nossos caprichos, sem explicação, Belem é uma villa que começa quasi ás portas de Lisboa, e cabeça de um concelho de poucos rendimentos.

N'um pequeno largo junto á rua Direita e proximo ao caes, juntavam-se pela manhã uns homens e mulheres com hortaliças, fructas, aves, legumes, etc., e chamava-se a isto pomposamente a praça.

Desde muito tempo que esta vergonha existia, e desde muito se pensava em estabelecer um novo mercado. Onde e como, ahí estava o *business*.

Coube á vereação que presidia ao municipio de Belem em 1877 essa missão. Era composta dos srs. Pedro Augusto Franco, presidente, Francisco Antonio Silvestre, Antonio Duarte Caneças, Pedro Maria Posser, Joaquim José Ferreira e José Carlos Xavier. Em sessão de 13 de abril foi approvedo pela camara e conselho municipal o projecto do novo mercado, que havia sido incumbido ao conductor de trabalhos da camara, hoje fallecido, José Joaquim Monteiro da Silva, e cujo orçamento primitivo, afóra as expropriações importava em 33:000\$000 réis. Este projecto foi depois sancionado por decreto de 4 de julho, e a construcção auctorizada, precedendo consulta da junta consultiva das obras publicas para ser executado pelo producto de um emprestimo, por decreto de 28 de novembro do mesmo anno.

Determinado o sitio, tiveram que ser expropriadas tres propriedades na importancia de réis 11:450\$000, e cedido por lei de 20 de março de 1879, para o mesmo fim, todo o terreno e materiaes da antiga cadeia de Belem.

Tudo isto levou tempo e foi só ao cabo de tres annos a 21 de julho de 1880, que foi lançada com todas as solemnidades a primeira pedra no edificio, assistindo a camara e varios cavalheiros da localidade ao acto.

As obras do mercado foram dadas por arrematação e dirigidas pelo sr. Julio Cesar Viçoso, da commissão geodesica, coadjuvado pelo sr. João Ignacio Leal. O sr. Viçoso além d'isso foi encarregado da rectificação e reforma do projecto e orçamento, pela qual foi este elevado a 54:541\$800 réis afóra as expropriações.

Ficaram concluidas as obras a 28 de junho do corrente anno sendo aberto o mercado ao publico no dia immediato, assistindo ao acto solemne da inauguração alem da camara e administrador do concelho, o presidente da commissão executiva da junta geral do districto, delegado de saude e muitos outros cavalheiros da localidade, celebrando-se esta festa concelhia com a maior animação e enthusiasmo.

A despesa de toda a obra monta proximo a 64:500\$000 réis não podendo nós apresentar a cifra exacta, por não estar ainda a conta fechada por dependencia da liquidação final com os empreiteiros.

O mercado está assente sobre a margem do Tejo formando um quadrilongo, de 3:529^m2,189 de superficie incluindo a rua do lado do rio; — de paredes a dentro mede a superficie de 2:024^m2,886. Ao meio de cada uma das faces ha uma larga porta de entrada. As faces da frente e fundo tem apenas um pavimento, enquanto as duas lateraes tem dois, que dobram em volta redonda nas quinas, prolongando-se e seguindo sobre uma pequena parte d'aquelles.

Interior e exteriormente corre ao longo das paredes e na altura do tecto do primeiro pavimento um alpendre de zinco, que permite andar á roda dos logares ao abrigo do sol e da chuva. Os logares ou lojas são quarenta, abrindo para dentro e fora da praça, como o mercado antigo da praça da Figueira, defeito grave, hoje completamente reprovado. O aspecto geral, comquanto não tenha a grandiosidade do novo mercado do Aterro, é com tudo sobrio e não falta de agrado, comquanto nos pareça que se tivesse pouco mais altura, e mais graça nas janellas do segundo pavimento, ficaria mais leve e elegante a construcção.

A distribuição interior, guardada a devida proporção, é muito melhor que a do referido mercado do Aterro. Ha muito mais desembaraço no transitio, do que n'este, cujas ruas se obstruíram, muito desastradamente.

A quadra interior é dividida em dois grandes barracões rectangulares cobertos de alpendre aonde se vendem, n'um o peixe, e no outro fructas, hortaliças etc. Cada um d'estes barracões tem 189^m2 de superficie, e todos os alpendres são sustentados por 106 columnas de ferro.

Das lojas a primeira é destinada á guarda de policia, a segunda á administração da camara, a terceira á delegação da alfandega, a quarta á estação da machina contra incendios, e a quinta a deposito d'agua salgada, em tanque de ferro, para lavagem e beneficiação do peixe.

Tem a praça do lado do rio um grande caes que importou em 2:500\$000 réis e dentro dois marcos fontenarios de agua commum, e um de agua salgada para o recinto destinado á venda do peixe.

A parte os defeitos que notámos, parece-nos, que bem mereceu a vereação que dotou os seus municipios com obra tão importante e proveitosa e que honra quem a promoveu e levou a cabo.

Terminando, cumpre-nos agradecer ao sr. Haas os esclarecimentos que sobre este assumpto quiz ter o incommodo de nos prestar.



VISTA EXTERIOR DO MERCADO DO LADO DO TEJO



VISTA INTERIOR DO MERCADO

O NOVO MERCADO DE BELEM INAUGURADO EM 29 DE JUNHO DE 1882 (Desenhos do natural por Macedo e Christino).

RECORDAÇÕES D'AVEIRO

I

Sempre que por alli passava, no comboio fumegante e fanfarrão, impressionava-me a longa *silhouette* da cidade dos ovos molles, lá ao longe encravada nas verduras da paisagem humida, e apparecendo confusamente n'um grande amontoamento de casarias branquejantes, ataviadas do simples adorno da cal, em que os telhados negros alastravam e recortavam manchas uniformes, com discordancias raras de remendos avermelhados. Havia então, por sitios, azuladas nuvens de fumos serenos, voejando n'uma pacatez suave, e das torres caídas que erguiam sobre a povoação os seus perfis graves e austéros, partiam ás vezes vibrando pelo ar quieto, em sonoridades tremulas e dôces, badaladas lentas chamando á missa, — beatas ironias á locomotiva parada na estação, a bufar progresso, toda fula. E lembrome de uma noute vér Aveiro merencoriamente amortalhado nas friezas macias d'um luar vaporoso, que lhe dava o mysterioso aspecto d'um vasto cemiterio longinquo, levantando espalhafatosamente os pesados vultos das torres como aventésmas descommunes scismando fixamente em cogitações eternas.

Entrando agora na cidade, na vertigem d'uma carruagem velha rangendo miseravelmente, arrastada por umas piléas deploraveis que, por mercê dos chicotes magicos, teem já azas nunca depennadas por caridosas mãos policiaes, Aveiro deu-me uma impressão bem diferente, com as suas ruas estreitas



CONSELHEIRO JOSÉ LOURENÇO DA LUZ — Falecido em 14 de julho de 1883

(Segundo uma photographia de Fillon)

tas e tortuosas, de calçadas inclementes, favoraveis ao solavanco, e com o desfilar resignado das suas casas geralmente baixas, toscas e humildes, por entre as quaes palacios velhos mostram, com arrogancias carunchosas, altas fachadas sujas em que a ruina põe fendas, calafetadas de hervas tristes. Brazões quebrados, lá do alto, fulminavam em cóleras tragicas o meu sorriso de plebeu irreverente; emquanto que um ou outro predio moderno, casarões burguezes e desdenhosos na sua opulencia chata, fechavam cuidadosamente a olhos estranhos o segredo do seu interior, com as janellas e portas cerradas. E n'aquelle dia de calor, sendo domingo, surprehendia-me não vér pelas ruas concorrencias animadas, atrazadas *toilettes* de provincianas por meio dos grossos trajos alegres das boas mulheres, que a tradição amamenta e cria em Aveiro, e luzentes chapéos altos passando com sobrançerias sedosas por junto dos barretes recurvos dos pescadores. Mas quando avistei a *ria*, tracejada de barcos negros e toda ondulando agitada por um vento surdamente ameaçador, tive um bello sobresalto espantado, natural sem pre diante d'um espectáculo inesperado, e como este d'uma rude belleza *sympathica* e acre.

A *ria* é o grande encanto d'Aveiro; é um braço do Vouga que se contorce regularmente pelo meio da cidade, encanado entre paredões symmetricos, e saltado por duas ou tres pontes commodas. Prolonga-se até ao extremo sul da cidade, onde, por signal, fizeram já a primeira piscina para a famosa industria da piscicul-



AVEIRO — Rocio e rua do Caes na RIA (Segundo uma photographia)

tura, — o que é d'uma escolha contestavelmente feliz, pela escassez da agua alli confinada n'uma quasi estagnação, pouco batida de ventos.

Todas as manhãs, aquella bondosa ria, dava-me appetites furiosos. Durante cinco dias, nunca a vi perfeitamente serena, com as aguas postas no liso socêgo d'uma larga lamina; o vento andava aspero e irrequieto; de vez em quando caíam bátegas persistentes d'uma chuva miuda mas vigorosa; e a ria estava continuamente cavada em ondulações que corriam, rapidamente, empurrando-se umas ás outras na direcção imperiosa do vento. Mas, de manhã, havia em frente da minha janella na hospedaria humilde, um grande movimento curioso; d'uma borda e d'outra, n'aquelle sitio, são os caes; — os barcos compridos e negros, grosseiras gondolas, com a fórmula original de crescentes repuxados, agglomeravam-se confusamente encostados aos paredões baixos. De pouco a pouco, os barqueiros vinham chegando, homens robustos, de caras queimadas, troncos bem apumados e grossos, e as pernas nuas rudemente modeladas com saliências de musculaturas fortes; alguns barcos iam então abandonando os caes, sucessivamente, e desciam a ria ao impulso das varas longas, que dois homens alternadamente lançavam ao fundo, correndo afadigadamente cada qual por seu bordo. Em baixo, a ria dobra-se á direita n'uma curva violenta, e á esquerda esconde-se estreitamente sob uma ponte caiada; lentamente, os barcos denegridos iam desaparecendo por uma parte ou por outra, deixando esteiras espumosas no inquieto bronzeamento das aguas turvas.

N'uma manhã, fria e chuvosa, havia feira grande nas proximidades d'Aveiro, e a ria estava cheia de barcos da Murtoza, os quaes tem o mesmo feitio pittoresco dos outros, sendo porém garridamente pintados de vermelho. Então, na tristeza da manhã baça e humida, era delicioso vêr partir aquelles barcos, um por um, carregados de bacoritos pretos que grunham, e de murtozeiras feias que fallavam, agachadas sob grandes guardachuvias azues e vermelhos. O ar empoeirava-se sorumbaticamente com a chuvinha espalhada que cahia; o céu, d'uma negrura compacta, estendia tons sinistros pelas aguas enrugadas da ria; e no meio d'esta desolação completa e soberana, os barcos da Murtoza iam correndo alegremente, levados pelo vento que lhes embarrigava correctamente as pequenas vélas quadradas, só postas na parte superior dos mastros. E viam-se ao longe, deslisando serenamente por entre verduras extensas que encobriam a agua, os perfis quiéto d'estas velas, todas molhadas, moverem-se por alli fóra como que por um machinismo invisível e magico.

De resto, devo confessar que esta bella ria nunca me pareceu um canal veneziano ou um canal hollandez; e ainda que isso lhes vá causar um justo espanto, a verdade é que a ria de Aveiro pareceu-me simplesmente um canal—aveirense. Effeitos perniciosos de tacanhas vistas.

(Continua)

Monteiro Ramalho.

ESTABELECIMENTO DAS AGUAS DE VIDAGO

Está situado na provincia de Traz-os-Montes, districto de Villa Real, freguezia d'Arcossó.

As suas aguas são exploradas pela empresa de que foram iniciadores os fallecidos conselheiros, José Pedro Antonio Nogueira e Falcão da Fonseca, depois associados ao sr. Miguel Augusto de Carvalho, actual gerente da empresa no Vidago.

A ridente aldêa do Vidago, entre bellos e fertillissimos vales, tem a cavalleiro pittorescas e arborizadas encostas; e não longe corre-lhe o rio Tamega.

As planicies, os vergeis e colinas da ribeira de Oura e do Tamega produzem cereal, fructas as mais saborosas e excellente vinho.

Os suburbios do Vidago tem agradaveis passeios, tendo o primeiro logar as margens do Tamega, navegavel em pequenos barcos.

O grande hotel do Vidago ha sido, n'estes ultimos annos, o ponto de reunião de numerosa sociedade, que na bondade das aguas tem achado cura e allivio aos seus padecimentos.

Tem o edificio grande numero de quartos para hospedes, salas de recepção, jantar, bilhar, quartos para banhos, diferentes outras casas, agua em todos os andares e todas as necessarias officinas.

As condições de edificação e de serviço do grande hotel proporcionam todas as commodidades exigidas pela boa hygiene em estabelecimentos d'esta ordem.

Tem hoje uma estação telegrapho postal de 5.^a classe e proximo do hotel está a estação da mala-posta.

No 1.^o de junho abre o grande hotel e fecha no ultimo de setembro.

Junto do grande hotel ha outros estabelecimentos em condições apropriadas para hospedes e para uso de banhos thermaes alcalinos.

A concorrência ao Vidago tem augmentado notavelmente todos os annos. Sua Magestade El-Rei que ali foi tres annos fazer uso das aguas occupou os aposentos do andar nobre do grande hotel.

São antiquissimas as aguas alcalino-gazosas do conselho de Chaves, a que pertencem as que são exploradas pela empresa das aguas de Vidago.

Os vestigios da exploração romana: uma escada e pedra circular, encontradas na mina do Sabroso, uma das fontes da empresa exploradora, e ultimamente um velho encanamento em uma outra fonte d'aquelle localidade, tambem pertencente á empresa, quasi levam a crer ter sido igualmente conhecidas dos romanos, estas aguas.

Na area onde brotam as aguas mineraes em Chaves, existiam algumas lapidas do tempo de Trajano que indicavam haver ali outr'ora banhos publicos.

Os monumentos ainda dizem ser estas as *aguas Flavias* tão celebres na antiguidade.

Parece que depois de submettida e pacificada a Luzitania, que por muitos annos havia sublevado os povos da Hespanha contra o poder dos romanos, estes, ao fim de tantas guerras e fadigas, procurassem, na antiga provincia de entre os rios Minho e Douro, restaurar as suas forças gastas em successivas e duradouras pugnas, e que sendo já conhecidas, n'essa epocha, as valiosas qualidades das aguas d'aquelle sitio, ahi tivessem construido o estabelecimento de banhos publicos, do qual ainda restam vestigios.

Vamos fallar agora da agua alcalino-gazosa denominada de Vidago, a mais rica.

Esta agua foi analysada pelo doutor Agostinho Vicente Lourenço, professor de chimica na Escola Polytechnica de Lisboa e membro effectivo da Academia das Sciencias, que disse no seu relatorio o seguinte:

«Estas aguas gazosas alcalinas preciosissimas, disputam, quanto á sua mineralisação e ás suas propriedades, com as aguas mineraes as mais ricas da Europa.

«Com a vista de mostrar o valor relativo das aguas mineraes, de que acabo de determinar a composição chimica, tenho a honra de apresentar a v. ex.^a o mappa junto das analyses de quatorze aguas mineraes, alcalinas e gazosas. Estas aguas, as mais estimadas da Europa, são coordenadas segundo a sua riqueza em carbonato de soda, agente principal da sua mineralisação. Da inspecção d'este quadro se deprende que a agua do concelho de Chaves denominada de Vidago é a mais rica das aguas gazosas da Europa. Devo notar que as aguas de Vidago, teem sobre as de Vichy a vantagem de conter mais carbonato de ferro, o que não é de certo indifferente para muitas indicações em que as aguas gazosas e alcalinas são empregadas.»

O jornal o *Correio Medico*, de Lisboa, de 15 de junho de 1873, diz o seguinte:

«Uma nova analyse feita pelo doutor Agostinho Vicente Lourenço vem revelar a verdadeira riqueza da composição chimica da agua de Vidago e mostrar que podemos no nosso mercado prescindir da agua de Vichy, pois que a de Vidago sobresahe aquella, pela sua composição, para todos os usos therapeuticos.»

No folheto publicado em Madrid em 1875 pelo medico D. Justo de Haro y Romero, intitulado — Vidago — agua alcalino-gazosa mineral no Reino de Portugal, mais importante e benefica do que a de Vichy, diz-se o seguinte:

«A nação portugueza que, como Hespanha, abunda em riquissimos mananciaes d'aguas mineraes, pôde estar orgulhosa com o descobrimento e exploração das aguas de Vidago, pois não só não precisa ir pagar tributo a outras nações mais importantes, mas são estas que veem já colher o remedio especial e seguro que Vidago lhe offerece para as enfermidades mais rebeldes.»

No jornal o *Correio Medico*, de Lisboa, de 23 de julho de 1875, diz o muito distincto clinico e professor da Escola Medica Cirurgica de Lisboa, o dr. Francisco José da Cunha Vianna, o seguinte:

«Nós que tivemos occasião de visitar o Vidago, e fizemos ali uso das suas aguas, podemos testemunhar que não ha exaggeração em tudo quanto diz o sr. dr. D. Justo de Haro, das aguas

de Vidago, das suas circumvisinhanças e da sua hospedaria.

«Pelo que respeita aos effeitos therapeuticos das aguas de Vidago são elles já tão conhecidos dos nossos collegas tanto nacionaes como estrangeiros, principalmente hespanhoes e brasileiros, que é escusado encarecel-as, para que as aguas gozem de reputação.»

«São os proprios doentes que principalmente obteem com o uso d'ellas a cura ou inesperados allivios a seus males, que se encarragam de apregoar as suas virtudes e beneficios.»

Conhecemos ali um inglez, que havia dois annos, vinha de Bombaim só com o fim de tomar as aguas na sua origem, tal era a quasi devoção com que ficára a este remedio natural cujos beneficos effeitos experimentára na primeira vez.»

O consumo progressivo das aguas de Vidago apresenta quasi um phenomeno.

São hoje exportadas para Africa, America e Asia. A Hespanha importa-as.

Em França e Inglaterra começam a acreditar-se.

Levadas ás exposições de Vienna, Philadelphia, Paris e Rio de Janeiro foram premiadas, obtendo a medalha de ouro nas de Paris e Rio de Janeiro.

O estabelecimento de Vichy, propriedade do estado arrendada a particular, produz approximadamente para o governo 100.000 francos, sendo hoje as suas aguas um dos mais importantes ramos de commercio da França.

O que era o Vichy antes de 1775 em que as princezas Victoria e Adelaide, tias de Luiz XVI, iniciaram o estabelecimento, hoje uma das riquezas da França?

Era uma aldeia desconhecida. Menos importante do que a de Vidago.

Vidago pôde tornar-se o Vichy portuguez. As nossas relações commercias com os habitantes das terras de Santa Cruz, e com os da maior parte das republicas do Rio da Prata, os nossos interesses, a nossa posição geographica e a do nosso porto, as communicações rapidas, e por assim dizer diarias, por excellentes vapores, entre Lisboa e os portos transatlanticos assim o estão indicando.

Francisco Justino Marques Nogueira.

O ABANDONO

(Continuado do n.º 129)

Depois, extenuados, descaíram por algum tempo n'um silencio oppressivo, em que, passado todo o rancor postigo, sentiam um grande acanhamento em se pôrem novamente de bem, ás boas; subitamente, o Joaquim propôz, resignado e razoavel:

— Ó rapazes, as pinhas são vinte e tres; pois então, como eu fui lá riba, fico só com oito, e depois tocam cinco a cada um de vós.

Concordaram logo, generosamente, para não haver mais questão; mas o pequenito Zé da Margarida levantou a sua voz medrosa, perguntando chorosamente:

— Dás-m'uma a mim, Joaquim, dás?

E nos seus olhos duas lagrimas reluziam, enquanto que um tremor lhe agitava já os labios vermelhos; e quando o garoto-mór, soberbo e egoista, lhe negou ameaçadoramente abanando muito a cabeça descarapuçada: — «ai elle dá! elle dá! pois elle!...» — o Zé rompeu abertamente n'um choro cantado, cortado de soluços e de lamurias, em que se percebia indistinctamente o pedido constante:

— Dá-m'uma, Joaquim, dá, dá.

Mas o tyrano rugiu todo colerico, batendo repetidamente com o pé no chão, e abrindo muito a boca:

— Ora isto! ora isto! Nun dou, já disse!

O pequeno gritava cada vez mais, afflictivamente. Os outros rapazes, senhores das suas cinco pinhas excellentes, iam-se sentindo tocados e compadecidos por aquella simples dôr impotente; e o da Belizanda, protecionalmente, dizia que o Joaquim não ficava «probe» em dar uma pinha, uma só; depois avisava, como que muito assustado:

— Olha que fica o rapazinho ougado!

O Joaquim ria-se d'elles, muito finorio, replicando astutamente, com indifferença:

— Ai búa móca! mas vós nun lhe daides das vossas? Depois, como os outros, derrotados, começaram a achar prudente irem-se embora, elle enfureceu-se de repente, e berrou ao peizo inconsolavel, que agora já, reclamava arrojadamente «a sua pinha»:

— Se nun te cálas, deixemos-te ficar ahi sózinho!

Então, uma grande raiva apoderou-se do Zé, que largou n'uma berraria ainda mais insupportável, rouca e estridente; atirou-se ao chão, rebolando-se desesperadamente, e chamando ao outro, a fio, nomes achataadores, na sua voz entrecortada e soluçante, acabou por lhe prometter vingativamente que havia de ir fazer queixa «ao dono». Entretanto, os outros foram-se safando todos, muito apressados e carregados com as pinhas preciosas, temendo que a gritaria desabrida, e continuada do fedelho, lhes proporcionasse por fim algum encontro incommodo; e quando o Zé, farto de esfregar o corpo irrequieto no matto encharcado e de lhe confiar, de bocca para baixo, todas as suas maguas irritadas, se sentou, custosamente, e se viu assim abandonado, a sua furia apasiguou-se bruscamente, deixando-lhe só um espanto abstracto, em que o petiz, atemorizado, não distinguia bem as cousas em roda, e espalhando vagamente o olhar procurava por entre o matto silencioso ver algum dos rapazes que fugiram. Lembrou-se de que estivessem por alli, perto, e esfregando muito os olhos, começou instinctivamente a chamar pelo chefe desapiadado:

— O Jaquin! Jaquin-in?!

Ninguém lhe respondia, e a sua voz aguda e interrogativa ia lentamente resoando pela matta, em echos de uma ironia surda. Então, acomettido de um phrenesi, berrou muito, prolongando esganiçadamente o nome:

— Jaquin!...

E os echos, vibrando intensamente, pareciam agora cascalhar em apupos e regougos ameaçadores; indefinidamente, o pequeno teve medo, e olhando outra vez em redor, no meio do isolamento grave de todo o matto immovel, deu-lhe uma grande vontade de chorar, sentidamente, e chamou ainda, com voz tremula e doce:

— Uoh Jaquin!...

De novo os echos impiedosos, macaqueando-lhe o queixume, se repetiram em ironias surdas, de uma lamuria inconsciente que troçava. O medo do Zé accentuou-se violentamente, agitando-o todo; mas como ao longe uma voz se levantou, cantando, elle sentiu um allivio repentino, que o consolou e lhe deu animo; ao mesmo tempo, um pedaço benevolo de sol caiu n'aquelle sitio, e sob esta caricia meiga e protectora, o rapazinho começou a andar, vagorosamente, procurando um ponto desafogado d'onde pudesse olhar para os campos distantes. Cada vez se perdia mais na matta, indo ora para baixo ora para cima, até que, inesperadamente, se viu á beira de um alto soccalco natural; alli, o matto era todo curto e raro no terreno pedregoso; o carvalhal já estava longe, e era só muito abaixo que o pinhal recomeçava, alastrando-se e descendo na sua enorme massa verdeneira, onde havia scintillações finas das agulhas molhadas. O rio tornava a apparecer lá ao fundo, mandando longamente o ruído arrastado e forte da sua cachoeira raiosa; e toda a outra banda, montanhosa e fria, se desenrolava immensamente. Então, do lado de cá, perto da margem, n'uma vinha muito affastada, a mesma voz entoou uma cantiga estridente; e o Zé, attento e consolado, viu confusamente vestidos azues de mulher moverem-se atravez dos vultos negros dos arvoredos nus. Logo, teve a idéa irreflectida de chamar pela cantadeira, e chegou a levantar um — oh! — indistincto, que os echos enдиabrados foram levando mansamente n'um «óóó» muito vago; mas pensou melhor, e contendo-se, pôz-se n'uma grande tristeza muda, a seguir passivamente, com o olhar, aquella mulher que lá ao longe trabalhava e cantava, despreoccupadamente, em poder ouvir a queixa do pobre pequeno abandonado. O sol continuava a banhal-o d'um carinho paternal; e insensivelmente animado por elle, o Zé recomeçou a andar ao acaso, agora sem medo algum, e calculando esperançadamente que a matta acabasse a cada passo. Mas cada vez ella era mais espessa, e tão emmaranhada que perfeitamente se conhecia que para aquellos lados nem as velhas roubadoras de lenha se aventuravam; e o pequeno ia sempre caminhando, indifferentemente, tendo como que um contentamento enorme da sua bravura, e deliciando-se com o barulho estalado que fazia, alegremente, furando as espessuras toscas, e enterrando os pés nas altas camadas de folhagens e agulhas secas, molhadas, com um prazer crescente e incomprehensível. Penedos carrancudos e musgosos, cortando-lhe frequentemente a passagem, obrigavam-n'o a dar grandes voltas, subindo e descendo; o Zé, continuadamente enterrado no matto humido, nada se importava com isso, inconsciente, e agarrando-se bem ás giestas fortes, ia aproveitando a occasião para experimentar, espertamente, se era já um garoto robusto e va-

lente, como os outros, lembrando-se de que, para o tempo, poderia andar sózinho por toda a parte, aos ninhos. Como esta idéa o preoccupasse, lisongeando-o e enchendo-o de uma consolação toda risonha, começou a querer subir a um pinheiro novo e baixo; mas logo ás primeiras tentativas magoou-se todo, rolando, por fim, desastrosamente no chão fôfo e atapetado. Então, concordou intimamente que teria de renunciar aos ninhos appetecidos; mas, em todo o caso, quando chegasse a casa havia de pedir ao pae que lhe fizesse uma bonita gaiola, de canna; depois se arranjaría o passaro. Caminhava sempre, na sombra, meditando profundamente se havia de ser um melro ou uma rola; e quando já se ia convencendo de que seria melhor um pintasilgo, de lindas côres, um desespero subito assaltou-o, parando bruscamente, furioso contra si proprio. Que diacho! Tinha vindo até alli sem ao menos reparar nos miscarras, de que, com certeza, toda a matta havia de estar coberta! E como agora, procurando escrupulosamente por todos os lados, não encontrava nenhum dos extranhos vegetaes saborosos, ia-se enfurecendo cada vez mais, e na sua grande colera infantil chamava-se azedamente — palerma e tonto, — apoiando assim os paes rudes, que nunca o tratavam de outra fórma, na sua grossa ternura explosiva de murros. Depois, foi socegando a pouco e pouco, e continuando a procurar com uma grande persistencia avida os miscarras desejados, pensava tristemente, desappointed, que talvez não fosse tempo de os haver, conservando sempre uma esperança quasi-anciosa nas suas pesquisas longas e aturadas.

(Continua)

Monteiro Ramalho.

EPIGRAMAS ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1600. Agosto 1. — Morre no Collegio das Artes, em Coimbra, o sabio carmelita D. Frei Amador Arraes, bispo de Portalegre, grande prégador e um dos nossos melhores escriptores classicos e moralistas. Os seus *Dialogos* rivalisam com os de Heitor Pinto; n'elles se revela copiosa e escolhida erudição, tanto profana como sagrada.

A phrase de Amador Arraes é correctea e purissima, e o estylo fluente e ajustado aos diversos assumptos de que trata.

1847. — 1. — Representa-se no theatro do Salitre, pela primeira vez, o magnifico drama, em 3 actos, *Frei Luiz de Sousa*, escripto por Almeida Garrett.

Este drama é um modelo da lingua, como não podia deixar de ser tão elevado assumpto para tão excelso cantor.

Rebello da Silva fez d'esta peça um excellente juizo critico, que sahio na *Revista Universal*, e tambem se acha no começo do 3.º volume do *Theatro Garrett*.

1870. — 2. — São instituidas as *Bibliothecas Populares*, com o fim de instruir e moralisar pela leitura as classes populares.

É uma das leis do extincto ministerio de instrucção publica.

1870. — 3. — Mandam-se crear escolas normaes de 1.ª classe para o sexo feminino em Lisboa e no Porto.

Ficou sem effeito pela lei de 27 de dezembro do mesmo anno, que destruiu muitas das disposições de dictadura do ministerio Saldanha.

1778. — 4. — Reapparece, sob a direcção de Felix Antonio Castrioto, a folha semi-official denominada *Gazeta de Lisboa*, que estava suspensa desde 8 de junho de 1762, por ordem do marquez de Pombal.

Estas folhas noticiosas eram conhecidas pelo nome de *Gazetas dos Officiaes das Secretarias*, em razão do privilegio que, desde 1760, tinham esses empregados, para as poderem publicar.

1770. — 5. — É creada em Lisboa uma *Academia Real de Marinha*, para um curso de mathematica, sendo, pela mesma lei, supprimida a antiga *Aula de Engenharia*.

O curso compunha-se de arithmetica, geometria, trigonometria plana e espherica, algebra e sua applicação á geometria, statica, dynamicas, hydrostatica, hydraulica e optica, e de um tratado completo de navegação. Foi extincta em 1837, pela creação da Escola Polytechnica.

1860. — 5. — Convenção litteraria entre Portugal e a Hespanha.

1856. — 6. — É auctorizado o governo a ceder a Claranges Lucotte, certo terreno, na praia de Pedrouços, obrigando-se o empresario a ali fazer um estabelecimento de banhos com escolas de natação e gymnastica, revertendo para o Estado o terreno (que consistia em 18:000 metros quadrados) quando deixasse de existir o estabelecimento.

Onde estão as taes escolas? Pois são bem precisas.

1802. — 7. — Fundação da famosa fabrica de papel, junto ao rio de Alemquer.

Esta fabrica, que então foi levantada por conta da Impressão Regia, pertence hoje a uma empresa particular.

1835. — 7. — É creado um *Conselho Geral de Instrucção Publica*, com secretaria respectiva.

Foi em 15 de dezembro de 1836 substituida pelo *Conselho Geral Director do Ensino Primario e Secundario*, finalizando igualmente, pelo mesma lei, a *Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas d'estes Reinos*, que havia sido creada em 17 de dezembro de 1794.

1709. — 8. — Primeira tentativa de ascensão aerostatica, feita em Portugal (e na Europa) pelo padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, ante a familia real, a cõrte, e immenso povo, voando do torreão da Casa da India, no Terreiro do Paço, para o outro da praça.

Causou isto tão extraordinaria impressão no povo que não faltou quem alcunhasse de feiticeiro o audaz aereonauta.

Como se vê, foi esta tentativa de viagem aerea muito anterior áquella feita pelos irmãos Montgolfier, no Campo de Marte, em Paris, em 17 de agosto de 1783, aos quaes se attribue infundadamente a invenção dos balões.

O padre Bartholomeu, que foi lente de prima de mathematica na universidade, e homem de extrema habilidade, era irmão do celebre ministro Alexandre de Gusmão.

Existe na Academia Real das Sciencias na collecção de papeis varios, vol. 110, n.º 2, um exemplar da machina aerostatica de que o padre Bartholomeu se serviu bem como a licença de invenção que elle pediu.

1772. — 9. — Morre da idade de 90 annos o abbade de Sever, Diogo Barboza Machado, auctor da monumental obra *Bibliotheca Lusitania, Historica, Critica e Chronologica*, ainda hoje consultada nas deficiencias que apresenta o dicionario de Innocencio da Silva, especialmente pelo que respeita a manuscritos.

1797. — 10. — E' preso, como forjador de papeis impios, sediciosos e criticos o poeta Bocage, pelo seu celebre soneto:

Pavorosa illusão da eternidade...

Foi para o Limoeiro e d'ali para os carcereiros da inquisição. Pouco depois foi mandado para o mosteiro de S. Bento da Saude, onde esteve a *penitenciaria* até 22 de março de 1798.

Silva Pereira.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA UNIVERSAL, original do dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delphim d'Almeida, Empresa Litteraria de Lisboa, editora.

Está publicado o fasciculo 5 de 40 pag. e uma gravura *Batalha das Thermopyllas*.

PENA E LAPIS, *Revista Artistica e Litteraria* Lisboa, n.ºs 3 e 4. Estes dois ultimos numeros são em geral melhores que os primeiros. Que os seus auctores não desanimem no seu esperançoso tirocinio.

NOTAS, *Ensaio de Critica e Litteratura*, por Alexandre da Conceição, Coimbra, Imprensa Academica. 8.º de 282 pag. e 1 de erratas. O nome do auctor d'este livro é bastante conhecido, e os leitores do OCCIDENTE já teem tido occasião de apreciarem as brilhantes paginas de prosa que n'estas columnas tem escripto. E' d'estes escriptos e d'outros dispersos em differentes jornaes que o sr. Alexandre da Conceição compoz o seu livro em que se encontram paginas escriptas com um primor litterario pouco vulgar.

PINHAES, SOUTOS E MONTADOS. *Cultura, tratamento e exploração d'estas mattas*. — 1.ª parte — pinhaes, por Carlos A. de Sousa Pimentel, agronomo e sivecultor pelo instituto geral de agricultura — Lisboa — typ. de Christovão Augusto Rodrigues — 1882. — 8.º francez de 220 pag. e 2 de indice e erratas. — A importancia das mattas na economia geral de um paiz, com quanto não seja geralmente apreciada entre nós, nem por isso deixa de ser grande. — Ellas fornecem materias de construcção valiosas, combustivel á maior parte do nosso povo, adubos para as terras, e productos para a industria therapeutica, mas o que é menos conhecido, é a sua acção sobre o clima e regimen das aguas. Moderando os rigores da temperatura e condensando os vapores atmosphericos, fazem com que o effeito das intemperies seja menos prejudicial, tornando o clima mais igual, menos arido, e concorrendo para a melhor distribuição da

humidade sobre o solo. O pinheiro principalmente, por uma causa não muito bem conhecida, tem muito maior poder de absorpção e d'ahi a sua grande importancia na silvicultura de um paiz, que como o nosso, está n'uma latitude meridional muito consideravel com relação ao resto da Europa. Nós temos muitas florestas, os castanheiros, os sobreiros, os carvalhos, o asinho e sobre tudo o pinhal, cobrem uma grande parte do nosso paiz, mas suba-se ao alto de uma das nossas serras, dos arredores de Lisboa, por exemplo, e vêr-se-ha a nueza de muitos pontos, cuja aridez se torna sensível e onde os ventos se tornam incommodantes. É por isso da maior utilidade aconselhar, ensinar, promover os bons methodos da silvicultura, não só para a sementeira e plantação de novas mattas, como para a conservação e tratamento das existentes. É isso o que faz o sr. Sousa Pimentel no seu trabalho, cuja primeira parte, relativa aos pinhaes, nos parece vem preencher uma lacuna nos nossos livros relativos á cultura do solo, e que deve ser lido, estudado e seguido por todos aquelles que podem e devem interessar-se e dedicar-se a este ramo da nossa riqueza agricola.

Esgotos de Lisboa. — *Parecer e actas da commissão nomeada pela camara municipal de Lisboa em 4 de agosto de 1880. Lisboa typographia Universal — 1881. — 8.º francez de 511 paginas e uma de erratas.*

Desde muitos annos que o estado da salubridade da nossa bella capital tem attrahido a attenção de todos os individuos que olham com amor e dedicação para as coisas publicas. Epidemias mais ou menos intensas e frequentes, casos repetidos de doenças que parecem terem-se tornado endemicas no clima de Lisboa, e mil factos que se tem dado com maior ou menor insistencia e persistencia, tem feito olhar seriamente para este assumpto. Dentre todas as cousas que se apontam como origem ou conservadoras d'esse estado sobresaem, na opinião geral, os canos, ou para melhor dizer o systema de esgoto das fezes e immundicias da cidade. Havendo-se manifestado em 1880 n'um dos bairros mais bem situados e salubres da cidade, uma certa epidemia de febres

de mau caracter, julgou conveniente a camara municipal existente então, aproveitar o ensejo para de uma vez assentar em um plano com-

tura não pode aproveitar, e que são uma perda irreparavel. Bom era attender-se á salubridade do paiz, sem se perder de vista a sua agricul-

tura, cada vez mais definhada, por falta de adubos, porque de outro modo elle se tornará infertil. Não obstante a celeridade e interesse com que a commissão se houve no seu encargo, pois em menos de tres mezes celebrou as suas 28 sessões, que terminava m quasi sempre á uma hora da noite, não vimos adoptar ainda providencia alguma sobre o assumpto, a não ser um projecto, convertido em lei ha poucos dias, com relação á *Avenida da Liberdade*. Esperamos, porem bue assumpto tão momentoso não ficará letra morta.



ESTABELECIMENTO DAS AGUAS DE VIDAGO (Segundo uma photographia)

pleto para ser empregado na limpeza da cidade. Para isso nomeou ella uma commissão de homens competentes e eminentes como os srs. Lourenço de Carvalho, Gaspar Gomes, Ferreira Lapa, Cabral Couceiro, Vicente Lourenço, Silva Amado, M. Bento de Sousa, Cunha Castel-Branco, e Ressano Garcia. Esta commissão installada a 11 de agosto de 1880 e celebrando 28 sessões, das quaes a ultima foi a 29 de novembro d'esse anno, chegou a uma conclusão sobre o assumpto. Seis eram os quesitos que se haviam apresentado á commissão, e a todos e cada um d'elles, respondeu ella com um parecer conglobado em quarenta e um artigos, a cada um dos quaes se dá um desenvolvimento necessario. Das actas reconhece-se a discussão que se travou sobre cada ponto, podendo vêr-se que rasões preponderavam para adoptar uma conclusão final, que aconselha o esgoto continuo, indicando a maneira de aproveitar os encanamentos actuaes, e de determinar o ponto do emissor fóra da barra, e outras disposições importantes. — Nos quesitos não foi proposto, o que mostra sempre a falta de previsão em todas as nossas coisas, qual o meio a adoptar para que os dejectos da cidade possam ser applicados á agricultura, ainda que nas discussões da commissão, algumas referencias se fizeram a tal respeito. Todos os nossos homens de sciencia tem clamado contra a incuria, que permite aos nossos rios arrastarem para o mar thesouros de riqueza incalculavel que a agricul-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Pombal era o primeiro homem do seu tempo.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO JOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO — Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de côr illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou valles do correio.

MUDANÇA

A EMPREZA DO OCCIDENTE mudou os seus escriptorios de Redacção, Administração e Atelier de Gravura, para a RUA DO LORETO entrada pela RUA DAS CHAGAS, 42. Lisboa.